

Editorial

Revista Brasileira de Psicanálise
volume 50, n.4, p. 10-12 · 2016

Ao final do documentário *Allende, meu avô Allende*, a diretora Marcia Tambutti Allende (2015) diz que percebeu que foram as dúvidas e questionamentos sobre os fatos que marcaram a história de sua família e a de seu país que romperam com o silêncio doloroso que envolvia a todos. A recusa em falar, que os protegia de lembranças traumáticas, também os impedia de uma proximidade afetiva. Com o seu filme, ela conta, conseguiu fazê-los ir além – como indica a palavra *Allende*; conseguiu abrir uma comunicação entre eles que não fora alcançada até então. Pois o silêncio simultaneamente escavou e denunciou o fosso da recusa de um sentido insuportável.

De fato, o historiador Michael Pollak (1989), em seu estudo com sobreviventes de campos de concentração stalinistas e nazistas, mostra que o silêncio sobre o passado não conduz ao esquecimento. Pelo contrário, ele mantém a resistência da sociedade civil contra o discurso oficial. Mas, como são vivências “indizíveis”, elas se organizam em uma zona de sombra, de não ditos, de alusões e metáforas que são moldadas pela angústia de não encontrar uma escuta.

Fundamental, portanto, a escuta do silêncio. Para isso, o analista primeiramente silencia sobre si mesmo. Pano de fundo sobre o qual o paciente pode tecer seu tecido projetivo e transferencial, o silêncio do analista “seria quase um *a priori* da interpretação” (Green, 1979, p. 10). Ele tem função estruturante e é parte fundamental do enquadre. Acolhe e convida à abertura aos processos do funcionamento inconsciente. E muitas vezes funciona como ato interpretativo.

Não é à toa que, em 1893, Emmy von N. pede a Freud (1969a) que se cale e a deixe falar sem perguntas ou interrupções.

Experiência cada vez mais rara para o homem contemporâneo e tema pouco abordado na literatura psicanalítica, o silêncio do paciente por vezes é entendido como defesa ou resistência à regra fundamental. Mas também pode ser o momento de espera do que está por vir. E há o silêncio do luto, do autismo, do paciente em elaboração – este, compartilhado com o analista.

Portanto, há silêncios e silêncios. Como nos indica Barthes (2003) sobre a diferença entre *tacere*, silêncio da fala, e *silere*, silêncio da natureza e de divindade. Enquanto o primeiro está ligado ao problema do poder, como o direito à palavra e o direito ao calar-se, o segundo evoca metáforas como o ovo que ainda não chocou, a lua em declínio...

E há o silêncio do não dito, sobre o qual se prefere calar, e aquele sobre o que não se sabe, o recalçado. Há o silêncio do vazio de representação, da impossibilidade de estabelecer relações (Green, 2008). A figura shakespeariana da “silenciosa Deusa da Morte”, citada por Freud (1913/1969, p. 379), e o mutismo inerte da pulsão de morte.

Por outro lado, soberano o direito do paciente de não se comunicar. O silêncio aqui como parte fundamental do processo de aquisição da capacidade de estar só e que merece ser respeitado pelo analista. Em espera para que o paciente “descubra criativamente” aquilo que o analista poderia apressadamente interpretar (Winnicott, 1963/1990, p. 172).

É essa a proposta deste número da *Revista Brasileira de Psicanálise*: uma reflexão sobre o silêncio em seus diversos sentidos, na fala de nossos colaboradores.

Silvana Rea
Editora

 Referências

- Allende, M. T. (Dir.). (2015). *Allende, mi abuelo Allende* [Documentário]. Chile: Errante.
- Barthes, R. (2003). *O neutro* (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1969a). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2, pp. 13-370). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S. (1969b). O tema dos três escrínios. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 365-382). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Green, A. (1979). Le silence du psychanalyste. *Topique*, 23, 5-25.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola et al., Trans.). Rio de Janeiro: Imago.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Winnicott, D. (1990). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)